

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário da Manhã (Go) Class.: 46

Data: 10.09.80 Pg.: _____

Diário da Manhã **A desforra** *Porânia (Go)* **dos Caiapó**

10.9.80

Conceição do Araguaia (do enviado especial Carlos Honorato) -Pela primeira vez, no sul do Pará, os índios viraram a mesa e acabaram com a festa dos "brancos" que vêm invadindo suas terras há mais de cinco anos. O recente massacre à fazenda Espadilha, no município de Conceição do Araguaia, foi uma tomada de posição dos índios que se cansaram de esperar por providências da Funai.

A reserva dos índios Caiapó foi definida em 1978, mas a demarcação das terras não veio. Como a área não foi demarcada, os fazendeiros continuaram o processo de tomada das terras indígenas sem que houvesse uma providência no sentido de parar com as invasões. O processo chegou a tal ponto que a reserva dos Caiapó está sufocada entre fazendas e projetos agropecuários: ao norte a Construtora Andrade Gutierrez irá implantar um projeto "grandioso" que se estenderá por 400 mil hectares. Este projeto foi, depois da primeira votação, engavetado, mas depois de várias injunções políticas da empresa o projeto foi aprovado. Já ao sul, o processo se repete: a grande fazenda da Volkswagen, a Rio Dourado e outras como a do Bradesco, Frigorífico Atlas - controlada por capital alemão - e outros grupos que ocupam uma área de mais de 160 mil hectares.

Como se não bastasse, a oeste, o Instituto de Terras do Pará, dirigido por Iris Pedro de Oliveira, que também é presidente do Grupo Executivo de Terras do Araguaia-Tocantins, loteou 500 mil hectares, onde a terra só foi para os grandes fazendeiros e os posseiros nem ficaram sabendo da licitação para o loteamento. Todo este processo vem contribuindo para que os índios Caiapó tomem uma posição diante dos acontecimentos.

O MASSACRE, SEGUNDO A FUNAI

A participação de jovens guerreiros de 13, 14 e 15 anos na ação dos Gorotire, um subgrupo dos Caiapó, à fazenda Espadilha, no município de Conceição do Araguaia, foi a causa que redundou na matança de crianças e mulheres, após os índios terem sido ameaçados pelo gerente Jonas Cipriano de Oliveira que, de arma na mão, escorraçou o chefe dos Gorotire, Konhonko, dizendo que "índio comigo não tem vez".

O delegado da Fundação Nacional do Índio, em Belém, Paulo César Abreu, afirma que foi a cena mais chocante que já presenciou. Segundo ele, os guerreiros assassinos estão sendo punidos dentro da própria tribo, num ambiente de total desolação. Disse o delegado da Funai que a causa de tudo é a invasão das terras indígenas por grileiros inescrupulosos que agem à vontade, ante a impotência da Funai em exercer a demarcação das áreas pertencentes aos índios, por absoluta falta de verbas que impossibilita o órgão de contratar funcionários capazes de desenvolver um trabalho sério e competente na área das reservas, ficando a mercê de empresas demarcadoras desonestas e incompetentes.

Paulo Abreu, dizendo-se cansado após 12 dias de ininterrupto trabalho e demonstrando grande preocupação pela matança da fazenda Espadilha,

disse ao DIÁRIO DA MANHÃ, que há iminência de outros conflitos, caso não se tome imediatas providências no sentido de aumentar e liberar as dotações da Funai, a fim de que o órgão possa tomar providências imediatas no sentido de demarcar, definitivamente, as terras dos Gorotire, em Conceição do Araguaia e de todas as reservas indígenas existentes no Brasil.

O desabafo do delegado da Funai, prende-se ao fato de que os índios sobreviventes no território nacional, somam 150 mil, mas já foram uma comunidade de 6 milhões. E hoje eles já não estão mais aceitando o massacre e o esbulho de que tem sido vítimas ao longo dos séculos.

CONTRA OS INVASORES

"Este caso - diz Paulo Cesar Abreu - provavelmente é a explosão de toda uma situação suportada através dos tempos e que despertou, agora, nesse rasgo de revolta, porque todo índio tem dentro dele um guerreiro em potencial adormecido e que foi despertado pela ação dos invasores".

O lamentável, no seu entender, é que muitos jovens faziam o seu primeiro teste na condição de guerreiro e isto foi fatal para as outras crianças que estavam na fazenda e mulheres que tentaram defender suas crianças das mãos de pequenos guerreiros que, empolgados, foram além dos limites da violência".

Antevendo outros graves problemas Paulo Abreu afirma que "se o presidente da Funai, João Carlos Nobre da Veiga, não solucionar o problema índio-terra-branco, ninguém mais o fará em tempo algum, pois o problema é de gravidade e o presidente vem fazendo tudo que está dentro das condições orçamentárias da Funai".

Acrescentou o delegado que, tem razão aqueles que dizem ser a origem de toda essa tragédia a falta de demarcação e fiscalização por parte do órgão, mas que "as críticas sejam acompanhadas de propostas que mostrem soluções realmente compatíveis com a nossa realidade e não soluções utópicas que a nada levam "e acrescenta ser, a demarcação, uma meta prioritária nomeada pelo governo, mas que os erros do passado não podem ser repetidos, exemplificando com as contratações pela Funai das empresas demarcadoras Cortasa e Patrati que agiram desonestamente".

QUEM FALA A VERDADE

A história real do massacre está muito difícil de ser descoberta. Enquanto, o delegado da Funai fala da participação de jovens guerreiros, a única sobrevivente do massacre, Delfina Ferreira da Silva, 40 anos, não citou em nenhum momento, a participação de jovens guerreiros no massacre.

No seu relato ao DIÁRIO DA MANHÃ, Delfina Silva, não diz nada que confirme as afirmações de Paulo Abreu, delegado da Funai. O certo é que os índios já estão cansados de esperar pela Funai. Se nada ocorrer é bem provável que outros índios da região tenham o mesmo comportamento e o conflito índio-terra-branco poderá alcançar proporções gigantescas que serão impossíveis de se controlar.